



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

O CINEMA COMO AGENTE DE LETRAMENTO: TECENDO DIÁLOGOS EDUCACIONAIS A PARTIR DO FILME BLACK

MÁRCIA DA SILVA LIMA LUNA

SIMONE DE SOUZA SILVA

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

RESUMO O presente artigo se propõe tecer diálogos e reflexões sobre o cinema enquanto agente de letramento na educação. O foco da discussão se pautará a partir do filme indiano Black (2005) baseado na história da família McNally que é anglo-indiana católica e que tem uma filha chamada Michelle acometida por uma cegueira após uma doença. Teceremos diálogos sobre a relação do professor com Michelle e como esse contato contribui para a vida da personagem. As reflexões aqui suscitadas serão sobre o cotidiano dessa jovem cega e as aprendizagens para toda vida que ela adquire a partir da relação com seu professor Debraj Sahai (Amitabh Bachchan). Daremos um enfoque sobre o filme enquanto excelente recurso didático para a educação de crianças, jovens e pessoas adultas. **PALAVRAS-CHAVE:** Cinema; Letramento Cultural; Cotidiano escolar.

ABSTRACT This article aims to weave dialogues and reflections on cinema as literacy agent in education. The focus of discussion will be in line from the Indian film Black (2005) based on the McNally family history that is Catholic Anglo-Indian and has a daughter named Michelle affected by blindness after an illness . We will weave dialogues on the teacher's relationship with Michelle and how this contact contributes to the life of the character, These reflections will be raised about the daily life of this young blind and learning for life that she gets from the relationship with his teacher Debraj Sahai (Amitabh Bachchan) . We will give a focus on the film as excellent teaching tool for the education of children, youth and adults. **KAY WORDS:** Movie theater; Cultural literacy ; Everyday school.

“Vou ao cinema da mesma forma que ando, como, respiro e durmo. Tenho com a imagem cinematográfica uma velha familiaridade, que me assegura direitos inalienáveis”. Vinícius de Moraes, anos 40. **1 O cinema enquanto agente de letramento cultural** Vinícius de Moraes relaciona o cinema numa relação de extrema intimidade, lugar repleto de sentidos e significados. Sem dúvida, a tela do cinema é um lugar poderoso para despertar emoções e reflexões e como bem disse o poeta lugar que “assegura direitos inalienáveis”. Para SOZIM (2004, p.7) o cinema é um lugar que possui:

“o poder de despertar nossa curiosidade, ao mesmo tempo em que possibilita – sem que a gente perceba – um aprendizado único sobre lugares, sentimentos, fatos, fenômenos, um filme nos traz referências de pessoas como Ghandi, Hitler, Mozart, Picasso, Olga Benário, Vila Lobos...”. Diante da citação de Sozím (2004) podemos considerar que o cinema é um espaço onde nos deparamos com emoções, permitindo nossa ampliação acerca da compreensão sobre a vida tendo nas pessoas representadas nos filmes, parâmetros para ressignificarmos as relações humanas e a própria vida em sociedade. É na tela do cinema que é possível ao homem aguçar ainda mais sua curiosidade sobre personalidades, fatos e lugares, sutilmente o filme gera aprendizados, é no cinema que podemos “conhecer o Tibet ou Portugal, ir a Porto Alegre ou a Natal, dançar um tango ou cair no samba, viajar no tempo e compreender o drama das guerras mundiais ou visualizar o impacto que as viagens espaciais podem provocar no desenvolvimento da nossa sociedade.” (SOZIM, 2004, p. 7). Sem dúvida a educação em especial tem a sua disposição um acervo riquíssimo de bons filmes a serem explorados. O professor pode tornar perspicaz seu olhar para um filme e dele conseguir transformar arte em educação. O cinema é um elemento ampliador do letramento cultural do grupo que o assiste. Dialoga sobre questões mostradas na película, sejam elas educacionais ou não. Consideramos o cinema como agente de letramento dos sujeitos imersos na cultura, uma vez que, para Soares Letramento, (2001, p. 46) é um fenômeno que ganha visibilidade “[...] depois que é minimamente resolvido o problema do analfabetismo e que o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas, intensas e variadas práticas de leitura e

escrita". Diante dos contributos de Magda Soares consideramos que letramento possui duas dimensões: uma individual e outra social. Sendo assim, visando à ampliação do nível de letramento dos sujeitos em fase de escolarização, percebemos no cinema um ambiente propício para ampliação do letramento na dimensão social dos indivíduos. Uma vez que, sendo o letramento um fenômeno social presente na vida dos sujeitos poderá o cinema fazer uso dessa linguagem com vista a uma atuação mais autônoma do sujeito em sociedade. Visando a inserção de filmes no currículo escolar, é importante considerar que é de competência da escola trabalhar com a:

[...] dimensão ética da cultura e do conhecimento, criando estratégias de ação capazes de contribuir para o respeito às diferenças, à diversidade cultural, buscando a inserção de todos os seus usuários no espaço de uma sociedade verdadeira pluralista e democrática. (RODRIGUES, 2004, p.85) Apreciando a dimensão ética da cultura e do conhecimento, observamos no filme *Black* (2005) uma rica possibilidade de trazer à tona as discussões dos grupos marginalizados e silenciados, repletos de estereótipos que estão inseridos na escola, a exemplo do filme uma criança deficiente visual e auditiva que enfrenta os desafios de uma sociedade repleta de preconceitos com este público. Sendo assim, é papel da escola:

[...] trabalhar a dimensão ética da cultura e do conhecimento, criando estratégias de ação capazes de contribuir para o respeito às diferenças, à diversidade cultural, buscando a inserção de todos os seus usuários no espaço de uma sociedade verdadeira pluralista e democrática. (RODRIGUES, 2004, p.85) Nesse sentido, o filme *Black* poderá ser usado como ferramenta estimulando o respeito às diferenças, uma vez que a personagem Michelle no início do filme é uma criança que enfrenta problemas de aprendizagem interferindo na sua vida social. Percebe-se que há por parte da família uma ausência de limites em relação à educação dela, privando-a de uma vida em sociedade, mas há uma intervenção que reinsere a garota no contexto social. O filme *Black*, (2005) apresenta-se como uma excelente ferramenta para ampliação do universo cultural e letrado[1] de professores quanto de estudantes, uma vez que para Rojo (2012, p.124) "O uso das **artes** se justifica como 'uma ferramenta para a construção de pontes entre pessoas de diferentes países, culturas, classes, grupos étnicos, gêneros e posições de poder' (Castells, 2001:168)". Dessa forma trataremos a seguir, maiores

informações acerca do filme em questão, centrando nosso olhar na relação interpessoal e estratégias utilizadas pelo professor Debraj Sahai (Amitabh Bachchan) que exerce um papel fundamental no desenvolvimento de Michelle. 2 **Black e as aprendizagens para toda a vida** O filme Black (2005) foi lançado em fevereiro de 2005 de origem indiana, dirigido por Sanjay Leela Bhansali, narra a história de uma garota que perdeu a visão e a audição logo depois de seu nascimento, imersa em um mundo solitário e escuro. Michelle (Rani Mukherjee) a personagem cega e surda está acorrentada em sua incapacidade de ver, ouvir e, sobretudo de relacionar-se em sociedade. O pai já tinha perdido a esperança de encontrar um caminho para a menina, tanto que a mãe, quando ela estava com oito anos, disse para Paul (Dhritiman Chatterji), seu marido, "Ela (Michelle) está se asfixiando em sua própria escuridão". Continuando esse contexto, acontece o diálogo a seguir entre os pais da criança:

-Há uma escola em Dehradun... onde crianças como Michelle recebem uma educação especial. Se me deixares, posso escrever para pedir um professor. (mãe)

- Não precisamos de um professor... precisamos de um mágico. Não quero escutar mais que não há cura para nossa Michelle (pai)

- Uma última oportunidade, Paul. Talvez haja um professor que seja mágico... um que traga luz para a vida de nossa Michelle. (mãe)

Estabelecendo uma ponte entre aquelas condições consideradas como incapacitantes para alguns e a personificação da esperança para família de Michelle na figura do professor, Debraj Sahai (Amitabh Bachchan), uma pessoa com referência no ensino de crianças com tais incapacidades, que utilizava métodos não convencionais de ensino. O professor se depara com uma família que superprotege a criança, apesar de não colocar limites, deixando-a a própria sorte. Debraj intervém naquele cenário seguindo duas frentes de trabalho muito parecidas com as que o professor encontra em sala de aula, uma que é impor limites, que eram de atribuição da família e outra que se referem às aprendizagens cognitivas, tais desafios enfrentados tanto pela personagem Sahai quanto pelos professores necessitam de um olhar atento ao cotidiano, uma vez que este precisa ser considerando como *espaço/tempo* de saberes e criação (Alves, 2001). De fato Debraj no filme

considera esse cotidiano vivido por Michelle como um espaço/tempo propício para aprendizagens e rico em criação, já que ele a considera como uma pessoa capaz de aprender qualquer coisa, negando-se em colocar a aprendizagem como algo inacessível, tendo essa conduta durante toda a trajetória de estudos da garota, fazendo desse outro ponto de intersecção com o trabalho docente bem como as possibilidades do ser humano aprender, vejamos os contributos de Alves (2001, p.17):

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que esteja disposta a ver além daquilo que os outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto de caminho diário. Mergulhados inteiramente no processo de ensino e aprendizagem, professor e aluna, chegam à fase adulta de Michelle, imersos em um cotidiano tanto comum quanto escolar, dispostos a experimentarem ver além do que os outros já tinham visto, se permitindo novos desafios, uma vez que cursar Artes para uma jovem naquelas condições era algo inédito para aquela sociedade. Mas, foi este desafio que fez com quem todos ao redor de Michelle aprendessem a sentir uma variedade de experiências mostrando mais uma vez, que o ser humano é capaz de superar limites. O diálogo abaixo expõe a conversa entre Sahai, o diretor do curso de Arte e Michelle em busca dessa superação:

Cena: Michelle encontra-se numa festa fazendo a tradução em libras da música cantada. Sahai e o diretor conversam sobre Michelle.

- Sr. Sahai. Olhe esta moça. Não pode nem ouvir nem ver, e ainda assim...simplesmente olhe-a, é maravilhosa! (Diretor)

- Esta é Michelle McNally...a moça de quem lhe falava. (Professor)

- Isto é impossível, Sr. Sahai. (Diretor)

- Impossível é uma palavra que nunca lhe ensinei, Sr. Fernandez. (Professor)

- Há escolas especiais para este tipo de jovem...onde lhes ensinam muitas coisas (Diretor)

- A fazer cestas, costurar cobertores... (Professor)

- Já ouviu falar de alguma jovem como Michelle ser aceita em um colégio normal?

(Diretor)

- Não, mas gostaria muito. (Professor)

- Como entenderá as aulas?

(Diretor)

- Me sentarei com ela na sala de aula. Aprenderá tudo através de sinais cada palavra, cada letra. (Professor)

- Michelle, te apresento o teu diretor (Professor)

Michelle: o cumprimenta e fala em língua de sinais com o professor.

- Sim...sim, eu já lhe disse...que queres entrar em Artes... não em Ciências. (Professor)

- Sr. Sahai, terei de consultar o conselho sobre isso. (Diretor)

- Há poucas oportunidades de fazer boas obras. E espero que não perca esta oportunidade. (Professor) O sonho de Michelle se concretiza com esforço e dedicação, após passar por uma sabatina de questões mediadas por um intérprete, que não poderia ser o professor Sahai, decisão imposta pelo conselho da instituição. A jovem responde a todas as questões tendo aprovação unanime do conselho. Estavam abertas as portas para o tão sonhado curso, durante todo o tempo destinado aos estudos, muitos foram os desafios enfrentados pela personagem. Após longos anos e muitas reprovações, ela finalmente conclui o curso. Mas, os desafios continuam tanto para Michelle quanto para Debraj, uma vez que ele passa a sofrer do mal de Alzheimer e ela nega-se a desistir dele, insistindo em manter viva sua memória. Todo processo de apropriação de saberes de Michelle que ocorreram tanto na esfera do cotidiano comum como no cotidiano escolar revelam que a experiência vivida pelo sujeito segue com ele para toda a vida, no início do filme a garota confessa "Eu era como um animal", é

possível constatar tal afirmação na cena em que ela tinha um chocalho amarrado a cintura para que pudessem lhe localizar. O professor Sahai simboliza no ato de arrancar o chocalho da menina o que é traduzido nas palavras de Charlot (2013, p.188):

A educação é um triplo processo de humanização, de socialização e ingresso em uma cultura (não há ser humano sem sociedade e sem cultura), de singularização-subjetivação (cada ser humano é um sujeito singular, embora a consciência de sê-lo só apareça aos poucos na história da espécie). O processo de educação de Michelle dialoga diretamente com Charlot, na perspectiva de que na trama vivida por ela, o processo de socialização, humanização e apropriação da cultura se deu num diálogo mediado por seu mestre respeitando sua singularidade e, sobretudo sua subjetividade. Uma vez que para educar-se o sujeito necessita estar sempre se desafiando e se superando, o que mais Michelle e Sahai fazem é tornar possível o impossível. **3 Conclusões Finais** Tecer diálogos educacionais tendo como suporte, uma boa trama possibilita tanto para aquele que escreve como para o aquele que ler um espaço de ampliação de letramento cultural, além de nos remeter a sentimentos de ternura, apreço e simpatia pela essência do que é lidar e conviver com o ser humano em toda sua complexidade. O encanto trazido na tela do cinema abre perspectivas de ações formativas para professores (as) que se deparam cotidianamente com tantos desafios quantos os que o cinema protagoniza. O conhecimento aliado à experiência, oportunizada por uma significativa tematização de um bom filme, abre um leque de reflexões despertando uma melhor percepção de si e, sobretudo do outro, sujeito produtor de cultura encontrando na educação um espaço privilegiado de formação humana. Defendemos que os bens culturais devem ser socializados no espaço escolar, inegavelmente este é um lócus propício de disseminação de cultura. Assim sendo, o cinema proporciona uma qualidade no que se refere à experiência artística, é na escola que o sujeito pode e deve ampliar seu repertório partindo sempre de suas experiências singulares. De certo, a educação tem por objetivo fornecer experiências aos estudantes que os toquem de uma forma tão sublime ao ponto de deixem de ser meras informações, e tornem-se mais sensíveis as diferenças de forma lúdica, criativa a partir de temas diversos. Sem esquecer que o cinema utiliza-se de múltiplas linguagens, sejam estas plásticas, musicais, teatrais e dançantes. É através dessas múltiplas linguagens que o sujeito

amplia seu repertório, fazendo uso do recurso do cinema, um universo a ser explorado e potencializado pelos agentes formadores de pessoas, uma vez que temos nas mãos um excelente recurso didático. Temos a nossa disposição o cinema enquanto documento a ser descoberto acentuando a sensibilidade de forma prazerosa, rico em diversidade cultural, oportunizando conhecimentos de cultura de ordem erudita, popular, de massa e digital. Desenvolver ações didáticas a partir de bons filmes é, sobretudo garantir um espaço para o cinema na formação de professores (as) e conseqüentemente no espaço escolar garantindo que novos mundo e novas histórias ganhem vez e voz na escola. É considerar cada pessoa como sujeito único dotado de singularidades e subjetividades, podendo este se ver representado nas diversas tramas do cinema. Foi através de um filme que pudemos nos deparar com a belíssima história de Michelle que na primeira parte do filme é uma adaptação da biografia de Helen Keller (A história da minha vida) tão bem representada na frase a seguir: "O mundo em minha história é diferente... onde o som transcende em silêncio... e a luz em trevas. Este é meu mundo, onde nada pode ser visto ou ouvido. Só há um nome para meu mundo... Black".

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de. ALVES, Nilda. (orgs.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes** – Rio de Janeiro, DP&A, 2001. p.13-38 **BLACK. Filme.** Produção e direção de Sanjay Leela Bhansali. Índia, Applause Entertainment, 2005. Idioma Hindi. 1 DVD 01h 59min. BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Formação do professor como agente letrador** / Stella Maris Bortoni-Ricardo, Veruska Ribeiro Machado, Salette Flôres Castanheira. – São Paulo: Contexto, 2010. CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas** / Bernard Charlot – 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013. – (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos). RODRIGUES, Cleide Aparecida Faria. **Cinema e educação: uma abordagem sociológica.** / Cleide Aparecida Faria Rodrigues e Márcia Derbli Schafranski. Ponta Grossa : MEC / UEPG / CEFORTEC, 2004. ROJO, Roxane Helena R. (Roxane Helena Rodrigues) **Multiletramentos na escola** / Roxane Rojo, Eduardo Mouro [orgs.]. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012. SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2001. SOZIM, Míriam Martins. **Vamos ao cinema: Fascículo de apresentação** / Míriam Martins Sozim e Vanessa Saboia Zappia. Ponta Grossa: MEC/UEPG/CEFORTEC, 2004.

[1] Entendemos por ampliação do nível de letramento o desenvolvimento de competências para usar a leitura e escrita, envolvendo práticas sociais de leitura e escrita com vista a responder às demandas sociais. (Bortoni, 2010, p.52)

* Mestra em Ensino de Ciências e Matemática. Semed Maceió. mar7luna@gmail.com

** Mestranda em Educação –Grupo de investigação e estudos em leitura e escrita- GIELE. simone.souza.silva@hotmail.com

Recebido em: 06/08/2016

Aprovado em: 06/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: